



Ainda as meias verdades

Um dos problemas mais sérios da política brasileira está no fato de muitos candidatos, durante as campanhas, prometerem ao eleitorado soluções para vários tipos de problemas baseadas em diagnósticos da realidade nos quais permanecem ocultos ângulos que não convêm a esses candidatos desvendarem — seja porque pode levá-los a perder votos, seja porque dariam argumentos para teses opostas às que defendem.

E assim, por exemplo, entre os que concordam com uma presença maior do Estado na economia e na área social, que pode ser defensável, mas que preferem nem tocar nos problemas simultâneos do corporativismo, da burocracia, da corrupção e outros. E assim, também, entre os que defendem um liberalismo clássico e propõem a redução da carga tributária e previdenciária, ao mesmo tempo em que prometem mundos e fundos na educação, na saúde, nos transportes, na habitação etc — sem dizer onde vão buscar os recursos que sugerem tirar das mãos do Estado.

Eleitos, candidatos desse tipo enredam-se nos paradoxos que eles mesmo criaram. E acabam não passando de mais uma decepção eleitoral, geradora de desecamento com o modelo democrático e representativo.

O horário eleitoral está repleto de proposições desse tipo. Paradoxais ou que se contentam com meias verdades.

Na última quinta-feira à noite, por exemplo, o candidato Collor de Mello por exemplo contou aos espectadores, com ar escandalizado, que o Governo Federal deve 23 bilhões de dólares à Previdência Social. E disse que é por isso que ela não funciona e não proporciona aos trabalhadores os benefícios que deveria proporcionar.

Até é verdade. Mas não é o problema mais grave da Previdência. Muito mais graves são os débitos de 345 mil empresas, que representavam já há pouco mais de um mês cerca de 1,3 trilhão de cruzados. Isso mesmo: 1,3 trilhão de cruzados novos, ou, pelo câmbio oficial da época, em torno de 300 bilhões de dólares, quase o Produto Interno Bruto brasileiro de um ano.

Provavelmente o candidato — que deve ter feito um levantamento da Previdência — dispõe desse dado. Mas anuncia-lo criaria arestas ao seu projeto neoliberal nas áreas mais conservadoras, sempre prontas a execrar as monstruosidades do Estado, mas varrendo para de-

baixo do tapete seus próprios pecadilhos e pecadões.

E assim se permanece no terreno da meia verdade. E é assim que não se chega a lugar algum. Como não se chega condenando a presença do Estado, mas aceitando satisfeito que ele doe 60 bilhões de dólares por ano aos que já têm mais, sob a forma de subsídios, incentivos e perdões (e por isso fica sem recursos para pagar a Previdência). Da mesma forma, será impossível chegar a algum lugar fazendo de conta que não se sabe que os índices de sonegação de impostos hoje no País são brutais. Para ficar só num exemplo, a Secretaria da Fazenda de São Paulo acha que a situação melhorou porque a sonegação do ICMS baixou de 60 para 50 por cento...

Sem entrar mesmo no jogo da verdade, querendo limpar apenas o quintal do vizinho, vai ser muito difícil mudar. Estaremos preparando apenas mais algumas frustrações para o eleitorado. Perigosas.

O PT E O GOVERNO

O candidato do PT mostrou na noite de quarta-feira estar consciente de um dos argumentos mais frequentes para contestar sua candidatura: além de “não ter equipe à altura para governar o País”, a Frente Brasil Popular não disporia no Congresso de uma bancada capaz de lhe dar o necessário respaldo ao assumir o Governo, num momento particularmente crítico para a economia e a política no Brasil.

O deputado Plínio de Arruda Sampaio mostrou que, ao contrário, foi a bancada mais assídua na Constituinte, ganhou nota 10 do DIAP e aprovou 1.198 das 4.700 emendas que apresentou. Seria, por isso, “capaz — como foi na Constituinte — de negociar com outras bancadas e assegurar a necessária maioria parlamentar nas horas decisivas”. Ou, como disse o deputado Haroldo Lima, capaz de “transformar a minoria em maioria com Lula na Presidência”.

Pode ser. Mas vai ser preciso esperar para conferir. O pega vai ser bravo, se a Frente vencer. Ainda mais num Congresso em fim de mandato, com muita gente querendo salvar a própria pele.

GESTO E PALAVRA

Pessoas habituadas a trabalhar muito com a consciência, a razão e

a palavra não costumam dar muita importância a outras funções da psique humana, que se expressam por outras formas como a linguagem dos gestos, por exemplo. Por isso, com frequência encontram situações embaraçosas. Dizem com o corpo aquilo que pretendem ocultar com a palavra.

Pode até não ser o caso, mas não deixa de ser curioso ver na TV, mais de uma vez, o candidato Roberto Freire repetir enfaticamente que não tem “ideal olímpico” e está “disputando”, ao mesmo tempo em que, com o dedo indicador, aponta para o chão, para baixo, lá onde estão seus índices de preferência nas pesquisas.

Quem quiser mais explicações, o psicanalista José Angelo Gaiarsa, que tem um programa na TV Bandeirantes, gosta do tema.

LOTT E JÂNIO

Também não deixou de ser curioso ver na mesma noite na TV, o candidato Celso Brant dizendo que a derrota de Lott para Jânio em 1960 — a seu ver um erro do eleitorado — foi responsável pelos fatos subsequentes e por 21 anos de ditadura militar, na mesma hora em que surgia no vídeo a escalo-bética figura do próprio Jânio Quadros declarando seu voto ao candidato do PFL — exatamente no partido onde se instalou a mais recente confusão política brasileira. Pareceu até presságio.

LEMBRETES

Sávio Hackrad, da TV Tucano, responsável pelo programa do PSDB no horário eleitoral, esclarece, a propósito de uma crítica à má qualidade técnica de um de seus programas (24/10), que só usa fitas virgens, revistas depois da edição e entregues em perfeitas condições à Radiobrás, como prova com um certificado da própria. Na crítica, havia uma ressalva: “Se os defeitos não foram das fitas, devem reclamar com o TSE”. Com a palavra a Radiobrás.

A primeira fala do PMB para anunciar Sílvia Santos, na quinta-feira, foi lamentável. Nem se soube quem era o cidadão que sequer conseguia dizer o nome correto do candidato e o chamava de Silyio Santo (sem o esse final), embora o comparasse a Davi, Moisés e José do Egito.

Enéas tem vice! E se chama Lenín!